

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia**

ANA BEATRIZ DE OLIVEIRA LIMA PEREIRA

**RELAÇÕES HUMANAS SOB O IMPACTO DA VIRTUALIDADE E DO CONSUMO
À LUZ DA MODERNIDADE LÍQUIDA DE ZYGMUNT BAUMAN**

**Niterói
2017**

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia**

ANA BEATRIZ DE OLIVEIRA LIMA PEREIRA

**RELAÇÕES HUMANAS SOB O IMPACTO DA VIRTUALIDADE E DO
CONSUMO À LUZ DA MODERNIDADE LÍQUIDA DE ZYGMUNT BAUMAN**

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel.

Nível: Graduação

Área de concentração: Sociologia

Orientador: **Prof. Dr. Luis Carlos Fridman**

**Niterói
2017**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S587 Sobrenome, Nome.

Título completo do trabalho / Nome completo do autor. – [ano].
[Nº de páginas] f.

Orientador: Nome completo do ORIENTADOR.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de
[Nome], [ano].

Bibliografia: f. [página inicial-página final da bibliografia].

1. Palavra-chave. 2. Palavra-chave. 3. Palavra-chave. 4.
Palavra-chave. 5. Palavra-chave. 6. Palavra-chave. 7. Rio de
Janeiro (RJ). I. Sobrenome, Nome do orientador. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia**

ANA BEATRIZ DE OLIVEIRA LIMA PEREIRA

**RELAÇÕES HUMANAS SOB O IMPACTO DA VIRTUALIDADE E DO
CONSUMO À LUZ DA MODERNIDADE LÍQUIDA DE ZYGMUNT BAUMAN**

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Dr. Luis Carlos Fridman
Universidade Federal Fluminense

.....
Prof. Dr. Nome
Universidade Federal Fluminense

.....
Prof. Dr. Nome
Instituição

.....
Prof. Dr. Nome
Instituição

**Niterói
2017**

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha família, especialmente aos meus pais, Heloisa e Fernando, que sempre me apoiaram nas minhas escolhas e me proporcionaram todas as condições para que eu chegasse até aqui.

Aos meus avós Eloildes e Luiz, Maria da Glória e José e a todos os queridos familiares que já não tenho mais presentes fisicamente, mas em lembranças e no coração, certamente torcendo por mim junto de Deus.

A todos os que torceram, rezaram por mim e me apoiaram de alguma forma.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, primeiramente, por estar sempre ao meu lado, por ter guiado meus passos até aqui e me ajudado para que eu continuasse a minha caminhada, mesmo diante de todas as dificuldades. A Nossa Senhora de Fátima, minha Mãe intercessora, que não cessa de rogar a seu filho Jesus por mim. A Heloisa, minha mãe, meu exemplo de força, determinação, honestidade, luta e coragem. A Fernando, meu pai, por ter me ensinado a amar a Deus sobre todas as coisas, por seus ensinamentos, sua bondade, sua humildade e nobreza de alma. Aos meus irmãos Marcelo, Mônica e Carlos Augusto, dos quais muito me orgulho, cada um com suas qualidades e amor incondicional por mim. A Luiz Eduardo, meu namorado e futuro marido, pelo incentivo, pela dedicação e pelo apoio em todos os momentos. Aos meus parentes, amigos, todos os que se alegram comigo, o meu sincero agradecimento. Aos professores que passaram pela minha vida e contribuíram fundamentalmente para a minha formação intelectual. Ao meu orientador Luis Carlos Fridman, por contribuir para a minha aprendizagem, pelo auxílio e correção necessária. Aos funcionários e colaboradores da Universidade Federal Fluminense, que trabalham para o bom funcionamento da instituição. E aos que lerão este trabalho com carinho e respeito, muito obrigada!

Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar.
Zygmunt Bauman

RESUMO

O presente trabalho acadêmico tem por objetivo um aprofundamento na obra de Zygmunt Bauman, especialmente no que se refere à chamada modernidade líquida, considerando-se especialmente as consequências que o consumo e a virtualidade, tão característicos dessa época, promovem na vida cotidiana das pessoas.

Palavras-Chave: Modernidade Líquida; Fluidez; Flexibilidade; Liquidez; Virtualidade; Consumo; Amor Líquido; Relações Humanas

ABSTRACT

This academic work is aimed at deepening the work of Zygmunt Bauman, especially with regard to the call liquid modernity, considering especially the consequences that consumption and virtuality, so characteristic of that time, promote to the daily lives of people.

Keywords: Liquid Modernity; Flow; Flexibility; Liquid; Virtuality; Consumption; Liquid Love; Human Relations

SUMÁRIO

1 Introdução	11
2 Da modernidade sólida à modernidade líquida	15
3 Consumo e virtualidade na modernidade líquida	26
3.1 Relações humanas sob o impacto do consumo.....	26
3.2 Relações humanas sob o impacto da virtualidade.....	34
4 Considerações Finais	43
5 Referências Bibliográficas	46

INTRODUÇÃO

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman tornou-se mundialmente conhecido por seus estudos sobre a pós-modernidade e a fragilidade dos laços humanos, os quais ele caracterizou como “líquidos”, “frágeis”, “fluidos”, “instáveis” em seus termos, que são traços que distinguem a época atual de outras anteriores.

O autor é reconhecido e consagrado mundialmente como uma referência de intelectual no meio acadêmico e fora dele, tendo várias obras publicadas e traduzidas em diversos países, tais como “Modernidade líquida”, “Amor líquido”, “Medo líquido”, “O mal-estar da pós-modernidade”, “Vida para consumo”, “Tempos líquidos”, “Vidas desperdiçadas”, “Modernidade e ambivalência” entre outros, sempre perpassando a temática da modernidade e suas consequências na dinâmica da vida social.

Sua qualificação e sua vasta produção científica conferem a ele grande credibilidade enquanto pensador, tendo iniciado de forma mais sistemática uma análise minuciosa sobre as mudanças a respeito do impacto das mudanças advindas com a massificação da globalização, da internet e dos novos canais de comunicação sobre as relações humanas. Ele foi capaz de introduzir no âmbito institucional aspectos da vida social que por vezes não se considerava como objeto de estudo, dando forma e significado a essa análise que, a meu ver, possui papel principal para entender o novo contexto da era em que vivemos, no qual somos todos compelidos a nos integrar.

“Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar.” Com essa postulação, Zygmunt Bauman ao mesmo tempo em que define o ponto de partida de seu estudo, também sintetiza o seu pensamento acerca do que alguns autores chamaram de pós-modernidade para se referir ao estágio atual da modernidade em que vivemos. Bauman prefere denominar esse estágio de “modernidade líquida”, uma vez que, em suas palavras, a expressão pós-modernidade se tornou muito mais uma ideologia do que uma condição do ser humano. Essa afirmação condensa suas ideias e indica aos leitores uma reflexão sobre seus conceitos de “liquidez”, “fluidez” da época contemporânea, que são alguns dos principais mecanismos analíticos a partir dos quais o autor construirá suas formulações teóricas.

Bauman possui extensa literatura relacionada à crítica acerca da época contemporânea, utilizando como ferramenta analítica o conceito designado por ele de “modernidade líquida”, referindo-se à fragilidade e liquidez dos laços estabelecidos entre os indivíduos e à rapidez com que ocorrem as mudanças institucionais que são provocadas pelas relações interpessoais ao mesmo tempo em que a influenciam. É criado um ambiente social que é produto do desmantelamento dos valores, dos vínculos e instituições, em oposição ao costume tradicional dos laços duradouros, enraizados e sólidos.

Em conjunto com esse processo, há, segundo o autor, alguns fatores que influenciam direta e decisivamente no processo de reconstrução da sociabilidade, entre elas a cultura do consumo, a virtualidade e a massificação de novas tecnologias.

Destaca-se o papel preponderante da disseminação da internet e das redes sociais, servindo como grandes facilitadoras do processo de dissolução dos laços afetivos, uma vez que dessa forma não são mais necessários os códigos e simbolismos existentes nas relações reais. O contato via rede social, cuja marca principal é a ausência de comprometimento, tomou o lugar da dinâmica das interações face-a-face.

A internet permite a visibilidade de seus usuários, sua exposição sem aprofundamento e isso constrói a figura de sujeitos superficiais, esvaziados de sentido e sem intimidade uns com os outros, pois o vínculo é frágil e distante.

Interessante notar que, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que as redes e a tecnologia proporcionam maiores possibilidades de ‘ligação’, ‘conexão’ entre as pessoas, também podem intensificar a sensação de solidão e angústia, já que o contato não é real, concreto. É comum acumular algumas centenas de ‘amigos’ e contatos por meio das comunidades virtuais, o que, no entanto, mostra-se como uma ilusão, pois não se estabelece uma relação de profundidade e intimidade.

O mundo atual é descrito por Bauman como um mundo de incertezas, com relacionamentos cada vez mais instáveis e flexíveis. A facilidade de desconectarem-se umas das outras, com a qual as pessoas são beneficiadas ao serem perfeitamente integras e adaptadas a esse novo meio, faz com que elas não mantenham vínculos de longa duração, desculpando-se da responsabilidade de relações sérias e permanentes.

Os sujeitos estão sendo tratados como bens de consumo, descartados

sempre que assim desejado. Nesse sentido, a descartabilidade dos indivíduos e das coisas é outro conceito do qual Bauman se utiliza para ilustrar a sociedade contemporânea, à luz da virtualidade.

Hoje, o acesso à internet é parte constitutiva do que é ser humano. Se alguém não pode acessá-la, não se insere de forma completa nos círculos sociais, tornando-se excluído, à margem do sistema. O mundo concreto, as experiências e as trocas reais foram substituídos em grande medida por uma socialização virtual, superficial, que nem sempre corresponde à realidade específica de cada um. Deixa-se de viver o tempo presente, palpável e admite-se a construção de um imaginário sobre a realidade – o que o autor denominou de estetização da realidade – inclusive como forma de suprir ausências internas.

Adquire forma, assim, uma parcela considerável da população que agora adoece não apenas vítima de males físicos e biológicos, mas de males sociais, cuja origem está na cultura da instantaneidade, do agora, já, onde não se encaixa o que é de longo prazo, durável, permanente e que são responsáveis por conferir segurança e estabilidade, necessários ao equilíbrio e à felicidade dos indivíduos.

Tudo isso posto, reafirmo que os fenômenos produzidos pela pós-modernidade, tais como descritos por Bauman, há muito despertam em mim especial interesse por envolverem os aspectos humanos das transformações que aconteceram ao longo do tempo, de maneira a impactar fortemente as relações dos indivíduos e destes com as instituições sociais, que se modificam a partir da introdução de novos valores que passam a reger a sociedade e têm valor decisivo na dinâmica social.

Fazem-se presentes na dimensão prática da vida, empiricamente verificáveis no cotidiano, não sendo, portanto, objetos de simples teoria e abstração.

Substancialmente, esse é um diagnóstico do tempo atual, no qual me insiro como autora e ao mesmo tempo como sujeito passivo de toda essa revolução das formas comportamentais e de relacionamento. Aí se encontra também e principalmente a minha motivação para entender um pouco mais sobre o tema, auxiliada por um teórico bastante conceituado e com importantes contribuições epistemológicas para uma melhor compreensão acerca dos questionamentos que surgem num contexto de significativas mudanças na vida das pessoas.

Quase categoricamente, pode-se dizer que não há fuga ou saída desse novo contexto o qual vivenciamos, sendo ele inexorável. Ou aderimos e nos adaptamos

ou não se completará integralmente a nossa condição enquanto seres sociais: a interação.

Para melhor entender a noção de “modernidade líquida”, conceito estruturante da obra de Bauman, faz-se necessária uma breve análise de seu constructo a partir do estágio anterior à referida época, chamada por ele de “modernidade sólida”, como forma de estabelecer as discontinuidades que levaram à distinção fundamental das duas eras da modernidade.

CAPÍTULO I

Da modernidade sólida à modernidade líquida

No livro *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman, lançado no ano 2001, o autor transcende a ideia proposta pela citação marxista de que “no capitalismo, tudo o que é sólido desmancha no ar” e afirma que as relações atuais são líquidas, pois a qualquer momento elas acabam; elas são alimentadas pelo mesmo motor que nós mesmos (“eu mereço o melhor”), por isso, assim que há ruptura desse pensamento, a relação, qualquer que seja ela, acaba.

O prefácio do livro justifica a escolha do termo ‘líquido’ para explicar a pós-modernidade e, por isso, será abordado de forma mais sistemática ao longo deste capítulo. Para o autor, pode-se associar tal termo à leveza, a qual, por sua vez, denota mobilidade e inconstância. Como forma de ilustrar esse pensamento, ele faz uso da expressão “travel light”: quanto mais leve viajamos, mais rápido e mais facilmente nos locomovemos.

Uma grande preocupação de Bauman, que impulsiona seus estudos e pesquisas, são as novas formas de relacionamento dos indivíduos entre si e destes com as instituições. A partir dessa constatação, é mister analisar o processo de individualização sofrido pela sociedade na época líquido-moderna. Para desenvolver sua pesquisa, o autor se volta para a análise da construção do projeto de modernidade no ocidente, sobretudo a partir da Revolução Industrial.

A modernidade sólida teve início com as transformações clássicas e o surgimento de valores e de modos de vida sociais, políticos e culturais que conferiam certa estabilidade aos indivíduos. Sólido seria para Bauman, assim como para outros autores clássicos como Max Weber e Karl Marx, algo que fosse rígido, duradouro, previsível e, portanto, administrável. Para o autor, a modernidade foi a era da valorização das instituições sociais e políticas, que ocorreria por meio de um controle estatal. Embora a liberdade e as distinções, inclusive identitárias, fossem importantes, a igualdade ainda era considerada prioritária, tendo o Estado e as instituições como fatores que limitavam as ações individuais.

A modernidade se caracteriza, principalmente, pela noção de um “projeto moderno” cujo objetivo seria dominar o mundo através da razão, por meio de um ordenamento racional e técnico. Bauman concebe a modernidade sólida como a era

da valorização das instituições sociais e políticas, que se daria por meio de um controle estatal. A igualdade era um valor sobreposto à ideia de liberdade, devendo os indivíduos se adaptar às limitações impostas e à identidade do Estado a que pertenciam, embora já fossem entendidos como seres dotados de certa liberdade e igualdade, responsáveis por suas ações e livres para buscar construir sua própria identidade. Isso conferia a eles, por outro lado, a necessidade de arcar com as consequências dessa busca, que poderia ter como um de seus resultados o fracasso na realização do seu empreendimento. Essa mudança no paradigma provocou uma ruptura com alguns dos pontos de referência historicamente enraizados na cultura moderna.

Ainda com base na interpretação de Bauman, dirá ele que o projeto moderno teve como objetivo a dissipação da ambivalência, de tudo o que fosse ambíguo, difuso. Tudo deveria ser conhecido para ser então controlado. Isso seria possível mediante a classificação e categorização do mundo pelo conhecimento científico e racional. Dessa maneira, a eliminação da ambivalência é percebida pelo autor como o caminho à racionalização técnico-científica, como forma de acabar ou reduzir as incertezas e a imprevisibilidade dos fenômenos. Os indivíduos foram tomados como objetos de controle a serem moldados pela racionalidade científica e também por uma racionalidade legal, como forma de ajustá-los ao projeto moderno.

O advento da modernidade significou o fim da crença em uma ordem criada e mantida segundo uma ordenação divina e a emergência da noção de que o homem encontra-se no mundo por sua própria vontade, sendo ele o responsável por suas escolhas e pela condução de sua vida, não mais cumprindo um destino previamente designado por Deus. Ela começa com uma separação crucial e sem precedentes, que foi a separação do tempo e do espaço entre si e da prática da vida cotidiana. Deixaram de ser, como na pré-modernidade, categorias que se entrelaçavam e se correspondiam. O tempo moderno passou a ter história, por sua capacidade de expansão e de movimento através do espaço, que se tornou flexível, elástico.

Devido a essa crescente capacidade de se expandir e se flexibilizar, dirá Bauman, a maior velocidade de ação e mobilidade do tempo moderno se tornou a principal ferramenta de conquista do espaço, isto é, de conquista de poder e dominação.

A relação entre tempo e espaço é, para Bauman, uma característica fundamental da vida moderna e da qual surgem todas as outras características. A

modernidade teve seu início quando tempo e espaço se separaram da prática da vida. Ele acrescenta ainda que na modernidade o tempo passa a ter história e a velocidade de movimento através do espaço se torna uma questão do empenho, da imaginação e capacidade humanas. E a partir desse momento a velocidade superou seus próprios limites. Essa velocidade sem limites foi fundamental na conquista do espaço. Podiam-se percorrer grandes espaços em pouco tempo e a velocidade tornou-se, desse modo, uma ferramenta de poder e dominação.

Para ilustrar esse pensamento, Bauman recorre ao projeto do Panóptico utilizado por Michel Foucault como arquimetáfora do poder moderno. O Panóptico era um modelo de engajamento e confronto mútuos entre os dois lados da relação de poder, qual sejam: os internos e os administradores do local. O domínio do tempo era o que conferia poder aos administradores, imobilizando os que ali estavam confinados sob sua supervisão e controle.

Os que estavam confinados eram impedidos de se movimentar. Como eles não viam os vigias, não tinham como burlar as regras, tinham que ficar apenas nos lugares indicados, se encontravam assim, imóveis no espaço. Os vigias tinham facilidade de se movimentar, dominavam o tempo e isso era uma estratégia de poder. Apesar de esses vigias terem facilidade de se movimentar, eles não o podiam fazer livremente, pois tinham de ficar observando os internos nos lugares estipulados.

Por isso, Bauman fala que a modernidade no presente estágio é pós-Panáptica. Diferentemente do Panóptico, agora o poder não se limita a um espaço. Os controladores não precisam mais estar próximos aos controlados, eles podem exercer seu poder independentemente do espaço em que se encontrem. Se no Panóptico os vigias tinham de estar perto para poder exercer seu poder, agora a principal técnica de poder é justamente evitar qualquer tipo de confinamento no espaço. Se antigamente uma guerra se dava basicamente de confrontos “corpo a corpo” terrestres, agora – Bauman cita o exemplo da Guerra do Golfo – uma maneira eficiente de guerrear é a utilização de mísseis autodirigidos, que aparecem e desaparecem numa velocidade extraordinária. E essa nova maneira de se fazer guerra é condizente aos objetivos da mesma: fazer o inimigo abrir mão de suas próprias regras e assim poder dominá-lo.

Bauman cita o autor Jim MacLaughlin para lembrar que o advento da modernidade também representou, entre outras coisas, o repúdio ao nomadismo e a

valorização do que denominou de “assentados”, isto é, dos sedentários, fixados ao solo, pois aqueles não se preocupavam com as questões territoriais. O que estava surgindo era a construção de um sentimento de pertencimento territorial, com o surgimento dos Estados-nação e a delimitação de fronteiras que permitiram a criação de leis estipulando os direitos e deveres dos cidadãos.

A noção de cidadania estava atrelada ao sedentarismo, ao pertencimento a uma nação, e a ausência de um solo ao qual se fixasse significaria exclusão daquela comunidade, podendo ser até perseguido o nomadismo por sua condição.

Na época em que nações e Estados nações se firmavam, os nômades passaram a ser considerados “sedentários” no tempo. No entanto, no presente estágio da modernidade, líquido, os nômades, que não possuem território fixo, estão em vantagem. De acordo com Bauman, hoje, um propósito da política e das guerras é eliminar as barreiras e permitir a circulação.

A elite dominante, ao exercer seu poder, não mais se preocupa com a maneira pela qual ela fará isso. No mundo contemporâneo, os dominadores não levam em conta o bem estar dos dominados, pois isso lhes seria custoso. Não vale a pena investir tanto em um só território, o ideal é deixar recursos livres para abandonar o território e migrar para outros, tão logo surjam novas oportunidades. Essa velocidade é fundamental quando se trata de lucro. Logo, os detentores de poder devem dar preferência a tudo o que for transitório. Já os destituídos de poder, desesperadamente procuram por algo durável.

A modernidade sólida, conforme Bauman, é marcada também em grande medida pela crença nas utopias, que seriam a forma de perceber que a realidade precisava ser modificada e a força para essa mudança estava na crença do potencial humano de transformação. Havia a constatação de que o mundo precisava ser modificado, por meio do fortalecimento das interações sociais, sendo estas capazes de formar grupos, engajar pessoas de maneira que as mudanças pudessem ocorrer.

Portanto, pode-se dizer que, segundo Bauman, o projeto da modernidade representou a tentativa de eliminar qualquer coisa que fosse desconhecida ou imprevisível, numa busca por acabar com as incoerências e contradições da existência humana. No entanto, diz o autor, o grande erro da modernidade foi acreditar que seria possível eliminar as contradições do mundo por meio de uma racionalidade dos fenômenos e das ações sociais. Assim como o processo de

individualização, o processo de racionalização das relações sociais desempenhou papel central na modernidade.

Conforme Bauman, a sociedade atual pode ser caracterizada como uma modernidade líquida em oposição à modernidade sólida. A grande diferença reside no fim das utopias, como diz o autor, com a desregulamentação e desordenação da sociedade. O fim das utopias seria, para Bauman, a perda do caráter reflexivo da sociedade sobre ela mesma e, assim, deixou-se de pensar no ideal de progresso como um objetivo a ser perseguido, que deu lugar à busca pela satisfação individual. As condições para a sustentação da utopia e de um planejamento de melhorias futuras perderam espaço com a desregulamentação da sociedade. A busca pela satisfação individual é o objetivo último da sociedade moderno-líquida. Esta não pensa mais em longo prazo, seus desejos e aspirações não se encaixam em projetos de longa duração. A nova sociedade que emerge não se esforça mais por alcançar um objetivo futuro. Bauman diz que a sociedade se torna desregulamentada, pois agora é o mercado quem determina as regras, marcado pelo objetivo primeiramente econômico de consumo e pela flexibilidade das leis que o regem.

Tudo isto está inserido na noção que o autor chamou de “derretimento dos sólidos”, que se relaciona com a tentativa pós-moderna de dissolver qualquer coisa que permanecesse constante no tempo e fosse imune ao seu fluxo, ou seja, o que quer que persistisse imutável ao longo da história. Essa ousada, por assim dizer, intenção objetivava o repúdio ao passado, sobretudo à tradição como elemento que mantém atualizado o passado no presente, e a tudo o que representasse uma resistência a essa liquefação.

O motivo principal para a urgente necessidade de derreter os antigos sólidos era o desejo de descobrir novos sólidos, mas uma solidez duradoura em que fosse possível tornar o mundo compreensível e controlável.

Os primeiros sólidos que deveriam derreter seriam as “lealdades tradicionais”, as antigas obrigações que amarravam a iniciativa por inovações. Acima de tudo, as obrigações “irrelevantes que impediam a via do cálculo racional dos efeitos”, numa citação a Max Weber.

Essa forma de derretimento dos sólidos desamparou as relações sociais, deixando-as impotentes para resistir aos critérios de racionalidade que passaram a permear a vida social. Todo esse novo panorama levou à construção de uma nova

ordem, baseada principalmente na economia, que havia sido liberta de seus antigos fatores limitadores políticos, éticos e culturais.

Bauman cita Claus Offe para descrever essa etapa da modernidade: as sociedades “complexas se tornaram rígidas a tal ponto que a própria tentativa de refletir normativamente sobre elas ou de renovar sua ‘ordem’, isto é, a natureza da coordenação dos processos que nelas têm lugar, é virtualmente impedida por força de sua própria futilidade, donde sua inadequação essencial.” (*Bauman, 2001, p. 11*).

Essa nova ordem emergiu do derretimento das estruturas que limitavam a liberdade individual de escolha e de ação, que é o resultado da flexibilização, da desregulamentação, da fluidez e liberalização do mercado. “O ‘derretimento dos sólidos’, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo nesse momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro.” (*Bauman, 2001, p. 12*).

Hoje não se coloca mais a tarefa de construir uma nova ordem para substituir a velha ordem. O que está posto é a redistribuição dos “poderes de derretimento” da modernidade, como diz o autor. As instituições e os mecanismos que limitavam suas possibilidades de ação e de escolha foram atingidos, de modo a consolidar o que Bauman chamou de “quebrar a forma na história da modernidade”, transgressora na medida em que rompia fronteiras e abalava as rígidas e antigas estruturas.

Bauman alerta para o estágio atual da modernidade, em que as mudanças atingiram também as relações sociais. Os padrões, regras e códigos que conferiam segurança e estabilidade e serviam como pontos de orientação aos indivíduos estão cada vez mais desaparecendo. Os padrões de interação estão se liquefazendo, com as relações sociais se flexibilizando e conferindo a elas instabilidade e fluidez. Os padrões e configurações que se apresentam hoje não são mais ‘dados’ ou ‘auto-evidentes’, mas são muitos e divergentes entre si, o que leva as pessoas a sentirem menos estabilidade e confiança nas instituições e nas relações umas com as outras.

Outra característica fundamental para a compreensão da modernidade líquida

é a velocidade que o movimento pode adquirir, atingindo, nas palavras do autor, o seu “limite natural”. O poder agora pode se mover com a “velocidade do sinal eletrônico”, sendo o tempo reduzido à instantaneidade. O poder não é mais limitado por fronteiras territoriais, pois o espaço não é mais capaz de oferecer resistência a sua ação. Dessa forma, a diferença entre “próximo” e “distante” está desaparecendo, o que confere a quem detém o poder uma liberdade muito maior.

O fim do Panóptico significa, entre outras coisas, o “fim da era do engajamento mútuo: entre supervisores e supervisados, capital e trabalho, líderes e seguidores, exércitos em guerra.” (*Bauman, 2001, p.18*). Agora, o poder não está mais concentrado, centralizado, confinado, mas sua manifestação se dá pela fuga, pela evitamento e pelo desvio.

Ainda de forma a opor a modernidade sólida com a modernidade líquida, constata-se nesta última que o sedentarismo é substituído pelo nomadismo extraterritorial, de forma a eliminar barreiras que impeçam a livre circulação de pessoas e mercadorias, o fluxo dos novos e fluidos poderes em nível global. O engajamento e o exercício do poder não se manifestam mais de forma ativa, se preocupando em administrar, gerenciar, ou ainda em interferir nos costumes e na moral da sociedade subordinada, pois se tornou custoso e ineficaz. Fixar-se ao solo de forma veemente, tornando os laços solidificados e definitivos não é mais vantajoso, ou seja, o que importa passa a ser a possibilidade de conquistar e abandonar determinado território, conforme for conveniente, leia-se, vantajoso.

Dessa forma, evidencia-se a tendência da modernidade líquida em flexibilizar, desregulamentar, desestabilizar as relações sociais e institucionais, tornando-as fluidas, leves, flexíveis e instáveis. A desintegração das relações sociais e das ações coletivas surge como um “efeito colateral” da nova fluidez do poder cada vez mais evasivo, móvel, fugaz. O poder agora se manifesta pelo desengajamento e pela fuga e, para que ele possa fluir, o mundo não deve conter barreiras e fronteiras que limitem sua ação. Procura-se desfazer qualquer rede densa e sólida de relações, buscando sua contínua e crescente fluidez e liberdade para agir. A “distopia”, segundo Bauman, da modernidade líquida refere-se à descartabilidade e flexibilidade das relações de qualquer natureza, das instituições e do poder.

O líquido, dirá Bauman, não possui uma forma definida, assume a forma do recipiente no qual ele seja colocado. Em outras palavras, sua forma é temporária, ele está constantemente mudando. Esse fato os distingue fundamentalmente dos

sólidos, os quais oferecem resistência à separação dos seus átomos.

A situação dos líquidos, para Bauman, seria a que mais se encaixaria ao que se vive hoje. O fato de os líquidos estarem sempre prontos para mudar a sua forma faz com que o tempo seja essencial para eles. Portanto, qualquer descrição que se faça deles é meramente temporária. A mobilidade que lhes é tão característica faz com que eles passem a ideia de “leveza”. Quanto maior a facilidade em se mover, mais rápido se dará o movimento. A leveza é frequentemente associada à mobilidade e à inconstância. A situação que caracteriza a presente fase é muito semelhante a essa condição dos líquidos. A modernidade já nasceu “derretendo os sólidos”. Tudo o que apresentasse uma tendência a permanecer constante à medida que o tempo passasse, deveria ser destruído. Todas as tradições deveriam ser “liquefeitas”. Todos os sólidos deveriam ser destruídos para dar lugar a novos sólidos, mais aperfeiçoados. Sólidos que possuíssem uma solidez mais confiável e, desse modo, pudessem ser mais duradouros, faziam-se necessários.

Todas as obrigações “irrelevantes” deveriam deixar de existir: as empresas deveriam se libertar dos deveres para com a família e das obrigações éticas; só deveria permanecer nas empresas o que tivesse fins materiais. As relações sociais ficavam desprotegidas e o papel da economia ganhava destaque. Ela ia se libertando progressivamente de obstáculos éticos, políticos e culturais. Desse modo, construía-se uma nova ordem, a qual era definida principalmente pela economia e que, por ter se libertado de todos esses entraves, deveria ser uma ordem mais “sólida”. “Não que a ordem econômica, uma vez instalada, tivesse colonizado, reeducado e convertido a seus fins o restante da vida social; essa ordem veio a dominar a totalidade da vida humana porque o que quer que pudesse ter acontecido nessa vida tornou-se irrelevante e ineficaz no que diz respeito à implacável e contínua reprodução dessa ordem.” (*Bauman, 2001, p.11*).

Segundo Bauman, essa nova ordem é composta por subsistemas livres, mas o modo que esses sistemas estão ligados é bastante rígido. A ordem das coisas se apresenta fixa, não está aberta a opções. Esse quadro surgiu quando o que limitava a liberdade do homem foi “derretido”. “A rigidez da ordem é o artefato e o sedimento da liberdade dos agentes humanos. Essa rigidez é o resultado de ‘soltar o freio’: da desregulamentação, da liberalização, da ‘flexibilização’, da ‘fluidez’ crescente, do descontrole dos mercados financeiro, imobiliário e de trabalho, tornando mais leve o peso dos impostos etc.” (*Bauman, 2001, p.11*). Uma consequência disso é que é

cada vez mais difícil encontrar pessoas que satisfaçam o “perfil revolucionário”, que esteja disposto a abrir mão de interesses individuais em nome do coletivo.

A ausência desses revolucionários torna a construção de uma nova ordem tarefa impossível. As forças que poderiam manter a ordem e o sistema na agenda política foram dissolvidas. Segundo Bauman, os sólidos que estão derretendo, ou os que estão para serem derretidos, são os que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas. Ele cita Ulrich Beck, que fala sobre as “instituições zumbi”, que estão vivas e mortas ao mesmo tempo, como é o caso da família, da classe e do bairro.

A modernidade líquida é caracterizada fortemente pela fluidez e volatilidade das relações humanas, e a vida em conjunto perde consistência e estabilidade, comparativamente à época anterior. Ela é marcada decisivamente pelo advento da globalização, que possibilitou amplamente a circulação de pessoas, mercadorias, serviços entre outros, em nível global. A vida cotidiana se tornou vulnerável aos acontecimentos externos, o que acabam por afetar as ações humanas os próprios contornos institucionais. Em um mundo cada vez mais interdependente, com uma circulação crescente e volumosa de ideias, valores e heranças culturais, rejeita-se o engajamento mútuo e a permanência em um determinado espaço.

Nesse novo contexto mundial, a mobilidade passou a ser um objetivo a ser perseguido pelas pessoas, pois dela decorre a exaltada hierarquia social, onde os padrões econômicos, sociais e políticos deixaram a esfera local e passaram a agir mundialmente, sendo, assim, indispensável essa liberdade de ação. Esse encurtamento das distâncias e do tempo é um efeito da maior velocidade com que as informações se dão, assim como desenvolve novas tecnologias que, como efeito colateral, tornou as mudanças polarizadas, contrapostas, ao invés de homogeneizá-las.

Para Bauman, ocorre hoje uma redistribuição dos poderes de derretimento da sociedade. As instituições foram as primeiras a serem atingidas e a sociedade teve sua forma mudada. Ele acrescenta que os velhos moldes foram sendo distribuídos por outros, as pessoas foram se libertando das antigas gaiolas e com seus próprios esforços, tiveram de encontrar lugar nos novos nichos pré-existentes. Os indivíduos deveriam fazer isso seguindo regras que lhes eram exteriores.

Essas regras, que serviam para orientar, estão cada vez mais em falta. Mas isso não quer dizer que as pessoas hoje constroem sua vida utilizando-se somente

de sua própria imaginação, mas significa que o trabalho de autoconstrução individual não está totalmente determinado. Hoje os padrões não são dados, eles são bem variados e alguns deles se chocam. Eles mudaram de natureza e são agora tarefas individuais. Uma consequência disso é que “o que acontece” com o indivíduo é problema dele somente.

Os padrões de dependência e interação, assim como os líquidos, não mantêm a forma por muito tempo. Essa extrema mobilidade muda radicalmente a condição humana e faz com que os velhos conceitos referentes a ela se tornem obsoletos. Eles necessitam, portanto, ser atualizados ou inteiramente descartados e é justamente isso que Bauman afirma que se propõe a fazer no seu livro *Modernidade Líquida*.

A desintegração social é uma consequência e, ao mesmo tempo, condição da nova técnica de poder, pois para que este flua é necessária uma rede de laços sociais facilmente quebráveis. Laços que assim se encontrem irão permitir a fluidez, esta, por sua vez, irá permitir a desintegração das redes pelo poder.

Em poucas palavras, modernidade líquida é a época atual em que vivemos. É o conjunto de relações e instituições, como também de sua lógica de operações, que se impõem e que dão base para contemporaneidade. É uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incerteza e insegurança. É nessa época que a fixidez e os referenciais morais da época anterior, a modernidade sólida, são retirados para dar espaço à lógica do consumo, do prazer e da superficialidade das relações humanas.

Bauman afirma de forma clara em *Modernidade Líquida*: “A desintegração da rede social, a derrocada das agências efetivas de ação coletiva, é recebida muitas vezes como ‘efeito colateral’ não previsto da nova leveza e fluidez do poder cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugitivo. Mas a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. Os poderes globais se inclinam a dismantelar tais redes em proveito de sua contínua e crescente fluidez, principal fonte de sua força e garantia de sua invencibilidade. E são esse derrocar, a fragilidade, o quebradiço, o imediato dos laços e redes humanos que permitem que esses poderes operem.” (*Bauman, 2001, pp. 21-22*).

Para Bauman, essa forma de agir gera um estado permanente de mudança, através do qual estilo de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades "auto-evidentes", liquefazendo-se continuamente, não permitindo, assim, que padrões de comportamento se solidifiquem em rotinas e tradições. Dessa forma, se anteriormente, no estado sólido, predominava um mal-estar decorrente da falta de liberdade individual na busca da felicidade, já que deveria prevalecer um estado de segurança que objetivasse a coletividade, no estado líquido prevalece uma forma de pensar na qual essa busca da felicidade é estritamente individual. Logo, essa busca só interessa ao próprio indivíduo, apenas sua vontade deve ser atendida, somente os seus anseios, que mudam a todo instante, são importantes e só dele próprio depende alcançá-la. Nesse contexto, a liberdade individual deixou de ser uma busca para se tornar uma imposição, que deve ser usufruída sob todos os seus aspectos, pois somos, agora, uma sociedade de consumidores. Esta é a identidade do homem pós-moderno, que passa a olhar tudo como algo que pode ser adquirido para o consumo, inclusive o outro.

CAPÍTULO II

Consumo e virtualidade na modernidade líquida

Relações humanas sob o impacto do consumo

Nesse item, procuro abordar os impactos que a sociedade de consumo, expressão também utilizada para se referir à sociedade líquida, tem na vida das pessoas e as mudanças provocadas pelo consumismo nas relações pessoais e como a lógica do consumo opera a partir de mecanismos próprios visando formar uma sociedade de consumidores vorazes. Para isso, farei referências à obra “Vida para Consumo”, de Bauman, que trata sistematicamente sobre essa temática.

A vida cotidiana dos indivíduos foi fortemente impactada pelas mudanças advindas da globalização e o conseqüente advento da modernidade líquida, época em que vivemos. De acordo com Bauman, um dos efeitos da globalização seria o aumento da exclusão social e do isolamento dos indivíduos, com uma nova configuração do conceito de bem-estar social. As grandes desigualdades provocadas pela globalização, devido à compressão do espaço e do tempo, permitem conceber essa nova ordem sob a ordem de uma “economia política da incerteza”, nas palavras do autor, definida como o conjunto de regras para desequilibrar as regras impostas pelos poderes financeiro, capitalista e comercial extraterritorial sobre as autoridades locais. Sendo assim, nada fica no lugar por muito tempo, pois a economia política da incerteza desmantela tudo. Enquanto o capital pode fluir livremente, a política permanece local, uma vez que a globalização retira o poder da política, pois parece que o terreno das decisões se encontra num lugar impalpável.

A vida tornou-se vulnerável aos fatos extraterritoriais, o que afeta diretamente as ações humanas e as instituições. Rejeita-se o engajamento de ideias entre a comunidade e as pessoas passam a se individualizar em diversas dimensões da vida social, procurando se sentir seguros de alguma forma. Tendem a se desinteressar por redes de ação coletiva e solidariedade social, delegando seu poder a representantes.

Todo esse processo de transformação resultou na desintegração e precarização dos laços humanos, tornando as relações sociais relações autônomas. Estamos nos isolando cada vez mais, pois o evitamento e a separação fazem parte

das estratégias de sobrevivência nas grandes cidades. Agora, os muros não servem mais para proteger as cidades e, sim, para blindar o indivíduo que se protege cada um em sua casa, com seus próprios muros que os isolam uns dos outros.

A modernidade líquida, atravessada pela globalização, trouxe consequências para a vida das pessoas como medo, insegurança, incerteza, fragilidade dos laços. Com a radicalização do individualismo, todas as formas de sociabilidade que necessitam de dependência mútua passaram a ser evitadas. Nesse contexto, a liberdade individual deixou de ser uma busca para se tornar uma imposição, que deve ser usufruída sob todos os seus aspectos, pois somos, agora, uma sociedade de consumidores. Esta é a identidade do humano contemporâneo, que passa a olhar tudo como algo que pode ser adquirido para o consumo, inclusive o outro.

Para Bauman, a sociedade de consumidores “representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas” (*Bauman, 2008 p. 71*). Por isso, não há espaço para quem não cumpre o seu papel social primordial, que é o de ser um consumidor exemplar. Isso ocorre porque na sociedade contemporânea seus membros são avaliados por sua capacidade de consumir, sendo esta a forma pela qual os indivíduos terão reconhecido ou não seu valor dentro dessa escala social. Assim, seu lugar estará “garantido” somente enquanto exercer sua função de consumidor, que deve ser exercida de forma contínua. Se assim não o for, a sociedade de consumidores exclui aqueles que não se adaptam e se moldam a essa configuração.

Essa mudança nas relações pessoais também promove o desprendimento afetivo e passam a ser objetivadas e instrumentalizadas por meio do consumo, sendo este agora a principal fonte de satisfação e realização individual, como forma de suprir as ausências internas trazidas pela vida líquido-moderna. Além disso, o consumo passou a ser a forma de construção da identidade dos indivíduos, pois através da aquisição de determinados bens e da possibilidade de usufruir determinados serviços, eles podem afirmar o seu pertencimento a certos grupos sociais. Na cultura consumista, o consumo não é apenas uma vocação, mas também um direito e um dever dos indivíduos. Nele se encontra a felicidade, sendo o maior bem da sociedade, e através dele que se revela a identidade individual. Para isso, investe-se em propagandas voltadas para o público infantil, que contam com estudos de marketing e estratégias próprias para atrair o olhar desse público que já

crece incentivado a consumir.

“Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência do consumidor - a dependência universal das compras é condição sine qua non de toda liberdade individual; acima de tudo da liberdade de ser diferente, de ter identidade.” (*Bauman, 2001, p. 98*).

Assim, a construção identitária passa a ser passageira, com a identidade individual passando a se submeter à posse de determinados produtos, ou seja, ela está submetida ao consumo. “O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa.” (*Bauman, 1998, pp. 112-113*). Partindo dessa lógica, o objeto é então visto como objeto de consumo que logo perde seu encanto ao ser adquirido, necessitando ser substituído por outro sucessiva e constantemente.

Segundo Bauman, para ser indivíduo é preciso estar consumindo constantemente, pois o homem se torna indivíduo a partir da posse dos objetos de consumo. Todas as relações passam a se reduzir a relações de consumo por meio da instrumentalização das relações sociais, pautadas em grande medida pela descartabilidade e temporariedade. Assim sendo, o indivíduo também se torna passageiro, temporário: “Para a grande maioria dos habitantes do líquido mundo moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras.” (*Bauman, 2005, p. 60*).

As relações afetivas de amizade, namoro, casamento, familiares são fortemente atingidas por essas mudanças. O outro passa a ser visto como objeto de consumo e sua utilidade se dá enquanto proporciona satisfação, ou seja, é descartável quando não “serve” mais.

Ressalte-se que, numa sociedade de consumo, a identidade individual é passageira e necessita estar em permanente transformação e o consumo se torna a forma de construção da identidade, assim como os produtos que estão em constante troca e alternância, o indivíduo rompe com a solidez e a fixidez. Faz-se necessário reformular constantemente a identidade individual para atender às mudanças ocasionadas pelas demandas do mercado, que determinam a inclusão ou a

exclusão dos indivíduos.

A construção da liberdade individual não é mais limitada pela comunidade, como na modernidade sólida, mas agora é condicionada pelas possibilidades (ou não) de consumo.

Surgem também novas formas de relacionamento baseadas no desejo de atender as satisfações individuais imediatas. Esse desejo se sobrepõe a qualquer reconhecimento de alteridade e encontra base na cultura do consumo, em que a descartabilidade das pessoas e das coisas encontra terreno fértil para que possa se desenvolver.

A sociedade líquida não é mais capaz de adquirir uma forma fixa, sendo guiada pelas regras do mercado, regras essas que são flexíveis e em constante alteração, além de não favorecerem a elaboração de projetos de vida (como elaborar um projeto de vida em longo prazo quando os empregos permanentes foram substituídos em grande medida pelos temporários e funcionários fixos sendo trocados por trabalhadores terceirizados?) Assim diz Bauman em *Globalização: As consequências humanas*, sobre a natureza flexível do mercado de trabalho: “O que este requer, disseram, é a revogação de leis ‘favoráveis demais’ à proteção do emprego e do salário, a eliminação de todas as ‘distorções’ que se colocam no caminho da autêntica competição e a quebra da resistência da mão-de-obra a desistir de seus ‘privilégios’ adquiridos – isto é, de tudo que se relaciona à estabilidade do emprego e à proteção do trabalho e sua remuneração.”

É nesta época que se verificam as relações de trabalho cada vez mais desgastadas e a própria esfera do trabalho se tornando cada vez mais um campo fluido e desregulamentado. Dessa forma, os direitos trabalhistas são atingidos com o fomento dos empregos temporários, da meia jornada, relações de trabalho sem mediação de contrato, apenas entre o empregado e o empregador, e agora, recentemente, a aprovação do projeto de lei sobre a terceirização, que em muitos aspectos contribuirá ainda mais para a precarização das relações de trabalho no Brasil.

A vida consumista, de acordo com Bauman, facilita a leveza e a velocidade e, assim, promove a variedade e a novidade a todo instante. O que caracteriza o consumismo, portanto, é a rotatividade dos bens, seu uso e descarte em seguida a fim de adquirir outros bens, e não a simples acumulação deles. Nessa lógica, considera-se com bem-sucedido aquele que pode se desfazer do objeto antes que

ele se torne obsoleto ou enfadonho a quem o possui. Dessa forma, os indivíduos se angustiam constantemente diante do incessante estímulo provocado pelas mídias e propagandas veiculadas a todo momento nas mídias impressa, televisiva, virtual, e partem em uma busca incessante a fim de adquirir determinados bens. A aquisição de mercadorias não é orientada por sua real utilidade ou pela necessidade do comprador, mas sim pela cultura do consumo que assola a sociedade constantemente. A mercadoria, dessa forma, passa a ser um fim em si mesma.

Bauman define em *Amor Líquido*: “Quando a qualidade o decepciona, você procura a salvação na quantidade. Quando a duração não está disponível, é a rapidez da mudança que pode redimi-lo.” (*Bauman, 2001, p. 36*). Ou seja, conforme exposto aqui anteriormente, não é acumulação dos bens que importa, mas sim a rotatividade deles.

Na modernidade líquida, o indivíduo se torna único. O consumo se torna um meio por onde se dá uma objetivação e uma instrumentalização das relações sociais. Ele se torna a principal fonte de satisfação dos indivíduos e, além disso, um meio pelo qual os sujeitos constroem sua identidade enquanto sujeitos. Isso ocorre através da condição de se possuir ou não determinados objetos de consumo e, a partir daí, pode-se ou não assumir uma identidade. A individualidade, portanto, é condicionada à posse de objetos específicos, ou seja, sujeitos ao mundo dos bens que podem ou não ser adquiridos. De acordo com Bauman: “O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode mostrar-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, se acha no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre mantendo as opções abertas.” (*Bauman, 1998, pp. 112-113*). Numa sociedade de consumo, a dependência universal da compra de produtos é a condição essencial de toda liberdade individual. Da liberdade de ser único, de ter identidade.

Dessa forma, os objetos são vistos como objetos de consumo, os quais rapidamente deixam de ser atrativos e essa é a lógica do processo, isto é, com o consumo, o encanto se perde e, assim, faz-se necessário estar sempre consumindo. É através da posse dos objetos de consumo que o homem se constitui como

indivíduo. A aquisição de mercadorias não é orientada por sua real utilidade ou pela necessidade do comprador, mas sim por uma criação da sociedade capitalista pós-moderna de que é preciso que se obtenha aquele produto, como forma principal de inserção e status social.

Inclusive as relações humanas são afetadas pelo consumo como ideal da forma de agir social líquido-moderna. O outro passa a ser tomado também como objeto de consumo, útil enquanto proporciona satisfação e se torna dispensável quando a sua utilidade acaba.

Numa sociedade de consumo, os consumidores estão, muitas vezes, buscando suprir suas carências afetivas, seu vazio interior e existencial, provocado pela instabilidade e pela incerteza que rondam constantemente suas vidas. Estão atrás de sensações mais profundas, que garantem confiança, segurança e parecem encontra-las na aquisição de objetos, pois trazem consigo essa promessa de segurança e satisfação.

A ideia de felicidade é encarada como uma constante busca por consumir, sendo esta, no entanto, uma tentativa ilusória de fazer com que a crença no consumo não se acabe e continue alimentando a noção de que a aquisição de determinado produto levará a uma plena satisfação pessoal. Essa incessante busca pela felicidade através do consumo passa a ser um ideário norteador da sociedade líquido-moderna.

No entanto, essa busca desenfreada por consumir acaba criando uma sensação constante de insatisfação, pois as novidades não se esgotam, estão sempre surgindo novas versões de antigos produtos, novas tecnologias, o que obriga as pessoas a consumirem cada vez mais, visto que sua identidade está condicionada ao ato de consumir.

Outro aspecto negativo provocado pela sociedade de consumo apontado por Bauman é o fato de que “não emergem mais vínculos duradouros”, pois o consumo se relaciona à satisfação de interesses individuais. As escolhas individuais adquirem papel preponderante e, sendo uma atividade solitária, por assim dizer, não favorece a formação dos vínculos afetivos, que passaram a ser mediados pelo mercado.

Nas palavras do autor: “Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do

“sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias.” (*Bauman, 2008, p. 20*).

As relações afetivas na sociedade de consumo seguem praticamente as mesmas regras das relações comerciais. Assim, sendo estas atualmente movidas pela velocidade com que uma mercadoria é lançada, consumida e logo descartada para que outras mais novas possam tomar o seu lugar, decorre que qualquer coisa duradoura, “eterna” nos desanima e assusta: não se pode permitir que coisas ou pessoas sejam impedimentos ou nos obriguem a diminuir o ritmo de vida. Além do mais, pelo fato mesmo de os mercados de consumo se concentrarem “na desvalorização imediata de suas antigas ofertas, a fim de limpar a área da demanda pública para que novas ofertas a preencham” (*Bauman, 2008, p. 128*), a insatisfação com a identidade adquirida nessa cultura consumista é uma constante na vida de seus membros. Por isso, “mudar de identidade, descartar o passado e procurar novos começos, lutando para renascer” (*Bauman, 2008, p. 128*) acaba englobando as próprias relações afetivas. Novas relações significam novas identidades, reacendendo, de cada vez, a esperança de que a felicidade será alcançada, logo, “o objeto fracassado do amor, tal como todos os outros bens do mercado, precisa ser descartado e substituído” (*Bauman, 2008, p.133*).

Em contrapartida, como efeito imediato do processo de construção da identidade na sociedade de consumo, na qual primeiro se é uma mercadoria para depois ser um sujeito, deve-se promover da melhor maneira possível a própria pessoa, como um produto qualquer de um anúncio publicitário. E para isso, nada mais apropriado que os sites que promovem encontros online e as tão indispensáveis redes sociais, ferramentas que servem para intermediar os relacionamentos entre pessoas compatíveis, reduzindo ao máximo os riscos das surpresas desagradáveis que geralmente surgem quando nos dispomos a conhecer de perto as pessoas. Assim, protegidas por uma tela de computador, no refúgio de sua casa, as pessoas podem se apresentar, listando umas para as outras as suas qualidades, tentando se transformar em um produto desejável para que o outro possa decidir se quer adquirir e escolher. E aqui vale uma ressalva: é só como “instrumento de autoconfirmação pessoal” (*Bauman, 2008, p.148*) que o outro

interessa a um membro da sociedade de consumo. Sendo ao mesmo tempo mercadoria e consumidor, nesta posição pode-se descartar a qualquer momento o outro (mercadoria), bastando, para isso, que ele desagrade, que não mais satisfaça ao seu consumidor.

Dessa forma, nas palavras do autor: “Se o objeto de amor procurado deixa de marcar um ou vários pontos, o ‘comprador’ potencial do mesmo deve desistir da ‘aquisição’, assim como o faria no caso de todos os outros produtos em oferta. Se, no entanto, a falha for revelada após a ‘aquisição’, o objeto fracassado do amor, tal como os outros bens do mercado, precisa ser descartado e substituído.” (*Bauman, 2008, pp. 132-133*).

O descarte de mercadorias consideradas ultrapassadas ou que não satisfaçam mais a quem o possui é, para Bauman, um indício revelador da similaridade entre as relações de mercado e as relações afetivas, ou seja, as leis que regem o mercado são amplamente aplicadas nas relações humanas. Assim, descartam-se aqueles que não podem por algum motivo se enquadrar na categoria de consumidores. Essa classe dos excluídos é não apenas uma consequência como também necessária, isto é, devem-se selecionar aqueles que podem pertencer a determinado segmento social.

Nesse sentido: “As pessoas classificadas como “subclasse” são condenadas à exclusão social e consideradas incapazes de se afiliarem a uma sociedade que exige que seus membros participem do jogo do consumismo segundo as regras estabelecidas, justamente porque são, tal como os ricos e abastados, abertos às seduções muito bem amparadas do consumismo- embora, de forma distinta dos abastados e dos ricos, não possam de fato se dar ao luxo de serem seduzidos.” (*Bauman, 2008, p. 176*).

De forma a cumprir as regras ditadas pela sociedade de consumo, é necessário fazer um balanço contínuo do estoque de mercadorias e assim oferecer sempre um produto novo, lançar alguma novidade que deverá ser seguida. Essas regras do mercado são prontamente absorvidas pela sociedade de consumidores, atingindo também as relações interpessoais, tornando-as descartáveis, passageiras, circunstanciais, nas quais interessa mais a quantidade que a qualidade delas. Além disso, como a intolerância a qualquer defeito de fabricação prevalece, o “consumidor” sente-se no direito de trocar imediatamente a “mercadoria defeituosa” por outra melhor, facilmente encontrada nos sites de relacionamento, inclusive com a

exposição das características do produto: o perfil de cada um exposto a quem quiser adquirir.

Como a sociedade de consumidores estabelece padrões de consumo que determinam a identidade de cada indivíduo, sendo este identificado pelo que consome e pela sua capacidade de ser também consumido, aquele que não consegue assumir plenamente este papel torna-se invisível socialmente. Essa permanente ameaça de invisibilidade social instaura, como consequência, uma crise de identidade típica da contemporaneidade líquida. Essa crise de identidade, que é reflexo da dificuldade que se tem em dissociar o que são nossas vontades de fato das expectativas impostas pela sociedade de consumo, é sintomática da fluidez da pós-modernidade, que transforma tudo e todos, em mercadoria. Uma sociedade em que relações são iniciadas para, numa velocidade impressionante, serem diluídas, descartadas (ainda que erguidas segundo preceitos considerados conservadores, como o casamento). Nesse contexto, as maiores vítimas dessa transformação das pessoas em mercadoria são aqueles que o autor chama de “baixas colaterais”, isto é, aqueles que não conseguem atender à condição primordial de indivíduo integrante de uma sociedade de consumidores: consumir incessantemente, ainda que não tenha condições para isso.

Relações humanas sob o impacto da virtualidade

Nesse item, procurei me aprofundar principalmente no livro “Amor Líquido”, de Bauman, que condensa seu pensamento acerca da fragilidade dos laços humanos na contemporaneidade, servindo de base para fundamentar meu pensamento a respeito das novas relações interpessoais pautadas na flexibilização e na superficialidade com que se constituem. Para isso, utilizei também exemplos práticos da vida cotidiana das pessoas como forma de ilustrar os argumentos expostos.

O grande paradoxo do sujeito pós-moderno, carregado de incertezas e inseguranças, inserido em uma sociedade líquida na qual tudo muda e se transforma a todo momento, é estar conectado a todos e a nada ao mesmo tempo. Vive-se constantemente perto e ausente, próximo e distante e esses sentimentos ambíguos provocam nos indivíduos insegurança e instabilidade.

A sociedade líquida não pensa nem faz planos futuros, pois está enraizada em uma cultura imediatista, do “aqui e agora”, facilitada em grande medida pelas

incessantes inovações tecnológicas que, ao proporcionarem um infinito leque de possibilidades de escolha e de ação, moldou os sujeitos de forma que eles não vivenciassem experiências e relações profundas, sólidas, dada a facilidade de troca e desconexão caso não fosse mais vantajoso nem prazeroso manter aquela relação.

O planejamento de vida em longo prazo encontra obstáculos, sobretudo, devido à velocidade com que as mudanças ocorrem na modernidade líquida, o que gera uma constante sensação de insegurança e instabilidade nas pessoas. Não há nenhuma garantia de que aquilo que é de um jeito hoje continuará a existir da mesma forma em um futuro, mesmo que próximo. Ao contrário, a modernidade líquida não funciona a partir de categorias estáveis, fixas, nem deseja a permanência das coisas, pessoas, instituições e suas relações, mas é retroalimentada pela mudança, pela inovação, pois o tempo agora é líquido e exige que nos adaptemos a ele. Não cabe mais a demora, a espera, a solidez; tudo deve ser ágil, leve, fluido.

O tempo na modernidade líquida é tão fluido e escasso, que não há mais tempo hábil nem disposição para ler um texto de algumas poucas linhas em mensagens trocadas em celular, ou postadas em alguma rede social, ou uma reportagem de um jornal/revista, quiçá um livro inteiro com algumas dezenas ou centenas de páginas! Tem-se a noção de estar “perdendo tempo” enquanto poderia estar fazendo outras coisas, que diz-se ter maior relevância. Estas atividades são consideradas sem muita importância, afinal, “tempo é dinheiro” na cultura do consumo.

Tal raciocínio não se aplica apenas aos objetos e às coisas, mas, fundamentalmente como explicita Bauman, nas relações interpessoais. O que se observa são pessoas de certa forma escondidas por detrás de suas redes sociais: expõe-se intimidade, vida pessoal e privada, adquirem-se muitos “amigos”, entretanto, a sensação de vazio e solidão cresce à medida que a realidade virtual se expande.

O mundo digital permite ao sujeito ser o que quiser e se relacionar com as mais variadas pessoas do todo o mundo e ao mesmo tempo. As tecnologias funcionam, sob esta ótica, como um “escudo”, uma proteção que permite esconder as fraquezas, os defeitos, isto é, a dimensão estritamente humana e imperfeita das pessoas, e abrem caminho para um mundo inventado de perfeição, de felicidade plena, de beleza, de virtudes apenas. Isso implica nos relacionamentos que se formam a partir dessa construção, tornando-se superficiais, idealizados, que não

encontram correspondência na realidade ou são parciais.

Faz-se necessário refletir sobre o efeito que vem à reboque dessa forma de comunicação e estabelecimento de vínculos entre as pessoas atualmente. Ao invés de estarem mais próximas, estão cada vez mais distantes. O panorama que se concretizou a partir do consumo em massa de tecnologias tem, paradoxalmente, limitado as comunicações na medida em que diminui o contato físico, real, olho no olho entre os indivíduos.

Pode-se pensar, por exemplo, na época de nossos pais, avós, bisavós, em que não havia computadores, telefones móveis, e todo esse arcabouço tecnológico disponível a qualquer tempo e lugar, que permitem uma comunicação instantânea com qualquer pessoa nos mais variados lugares do mundo. A comunicação era feita por meio de cartas, que podiam demorar dias, meses para chegar ao destino. Não havia pressa, o mundo podia esperar. Vivia-se o hoje, o presente, desejando pacientemente aquela correspondência que iria chegar. As mudanças aconteciam gradativamente, o que possibilitava que cada instante fosse vivido em sua plenitude. Sabiam esperar.

Não se trata aqui de um saudosismo que negue ou não queira enxergar os benefícios advindos com as inovações tecnológicas, como a facilidade e a rapidez da comunicação, bem como a possibilidade de circulação das pessoas e de produtos pelo mundo todo. Mas trata-se, sobretudo, de contrastar dois períodos tão distintos e tão singulares na história e contrapô-los para um melhor entendimento acerca das mudanças que originaram as novas formas de comportamento na época líquido-moderna.

Em outras épocas, não havia tantas possibilidades de se encontrar pessoas, de lugares para frequentar que permitissem uma socialização, de manifestações culturais. No entanto, o sujeito pós-moderno está mais apto a encontrar pessoas, mas não a conhecê-las. Não se criam relações, vínculos, mas redes, teias comunicacionais. Fala-se com muitos e ao mesmo tempo com ninguém ou muito poucos de maneira íntima, profunda. Para conhecer realmente alguém, é preciso que haja tempo, disposição, paciência, características de que a sociedade líquida carece cada vez mais.

Bauman acertadamente escreve em *Amor Líquido*: “Lembre-se de que, quanto mais profundas e densas suas ligações, compromissos e engajamentos, maiores os seus riscos. Não confunda a rede – um turbilhão de caminhos sobre os quais se

pode deslizar – com uma malha, essa coisa traiçoeira que, vista de dentro, parece uma gaiola.” (Bauman, 2004, p. 37). Essa frase descreve de maneira simples como funciona o mecanismo de formação e dissolução dos vínculos afetivos entre as pessoas na sociedade líquido-moderna.

Vivemos, conforme já foi exposto anteriormente, em um mundo de incertezas e insegurança em relação à estabilidade dos indivíduos diante da fragilidade dos laços afetivos. As relações tornaram-se individualizadas e mercantilizadas. O que torna esses relacionamentos frágeis e superficiais é a enorme facilidade de não se ter responsabilidade mútua e um real comprometimento entre as partes, proporcionada em grande medida pelas relações estabelecidas virtualmente.

Segundo Bauman, a qualidade das relações diminui e a compensação se dá com a enorme quantidade de parceiros virtuais, proporcionada pela facilidade de conexão das redes sociais. Como exemplo disso, Bauman cita em uma entrevista que certa vez conheceu um rapaz que lhe contou ter feito 500 amigos em apenas um dia em uma rede social. Bauman, muito surpreso, responde: “Eu tenho 86 anos, mas não tenho 500 amigos. Eu nunca consegui isso. Então, provavelmente quando ele diz “amigo” e eu digo “amigo”, não queremos dizer a mesma coisa”.

O conceito de redes para Bauman é algo inovador e se contrapõe à ideia de laços humanos, de comunidade. Hoje, vivemos conectados em redes de comunicação, sem que haja um sentimento de pertencimento, de identidade. Segundo o sociólogo, a comunidade precede o indivíduo, pois ele nasce dentro dela. Já a rede, ao contrário da comunidade, é criada e mantida viva pela conexão e pela desconexão e é isso que a torna atrativa para as pessoas. A facilidade de desconectar, sobretudo, se dá pela ausência da necessidade de encarar o outro frente a frente, de olha no olho com quem se fala. Nessas relações reais, o rompimento ocorre de maneira mais traumática, pois é preciso se explicar, inventar desculpas e todo aquele simbolismo de códigos que envolve os contatos físicos. Isso não ocorre com os relacionamentos virtuais, em que basta um clique de mouse e a relação está desfeita.

As relações concretas, os laços, são para Bauman ao mesmo tempo “benção” e “maldição”, em suas palavras. Benção porque confere segurança ao parceiro por saber que existe alguém de fato em quem se pode confiar realmente para quando precisar. Maldição, pois o compromisso que se estabeleceu com o outro faz o indivíduo estar preso aos antigos compromissos e obrigações que ele criou

anteriormente, mesmo diante das novas possibilidades que se abrirão ao longo do caminho.

Cria-se, assim, um fenômeno curioso da figura de um indivíduo solitário em meio a uma multidão de solitários, ou seja, um paradoxo que se estabelece quando se está diante de uma multidão e o sentimento de solidão que permanece. As redes sociais são o terreno apropriado para a manifestação dessas relações plásticas e superficiais. Verificam-se lá pessoas que parecem estar sempre felizes, bem realizadas, a vida parece fácil. No entanto, sabemos que a vida retratada nessas redes virtuais não corresponde, de fato, à vida real, pois se ignoram os problemas e dificuldades, os defeitos, as angústias inerentes a todos nós e ao cotidiano de nossas vidas.

A popularidade das pessoas é medida pelo número de visualizações, de curtidas, comentários que as suas publicações recebem. Cria-se, inclusive, certa obrigatoriedade de que as pessoas próximas visualizem e curtam, comentem as publicações umas das outras.

Outro fato que é pertinente destacar e que pode ser facilmente constatado em todos os lugares é quando um grupo de pessoas se reúne em algum lugar que pode ser um bar, restaurante, um evento, uma festa e passam boa parte do tempo tirando fotos de si mesmos, da comida e da bebida para publicar nas redes sociais. O momento em si, que deveria ser para entreter as pessoas e socialização, passa a ser secundário diante da vontade de exibir para outros os lugares os quais se frequenta, o tipo de comida que se come e a bebida que se bebe.

As redes sociais fabricam diversos bons momentos, como festas, amigos, sorrisos, ostentações, metas realizadas. Tudo parece perfeito. Diante disso, passamos a cobiçar as pessoas felizes, o corpo ideal, a viagem dos sonhos, o relacionamento perfeito. Cultiva-se a velha máxima que diz que “a grama do vizinho parece sempre mais verde do que a nossa”.

Na verdade, nos tornamos os produtos sem um público alvo. O marketing pessoal é a grande estratégia de autopromoção. Temos uma infinidade de informações à nossa disposição, mas não conseguimos dar conta de todas elas. Assimilamos apenas aquilo que nos importa, pois queremos praticidade. Tudo parece ser criado para facilitar a nossa vida e, assim, a preguiça tornou-se aceitável. Entretanto, as consequências disso podem ser um tanto negativas, uma vez que não sobra tempo para filtrar as informações e digeri-las, abrindo espaço para a

circulação de inverdades que podem construir ou desconstruir a imagem de alguém.

Tudo isso faz parte de um simbolismo de ostentação, ou seja, vive-se hoje a cultura da aparência, da superficialidade das relações. Pouco importa o que somos de fato, mas sim o que temos, os círculos sociais os quais frequentamos. Esse simbolismo passa a definir a identidade dos indivíduos e sua inserção em determinada classe social. Esse cenário está inserido e é possibilitado pela elasticidade, pela descartabilidade e superficialidade tão características das relações humanas na sociedade líquido-moderna.

Nesse panorama, a intimidade e a privacidade parecem ter desaparecido devido ao excesso de exposição provocado pelas redes sociais. Não há quase limites para o que é considerado certo ou errado, pertinente ou impertinente, moral ou imoral. Tais conceitos tornaram-se elásticos, se adaptando às situações conforme a conveniência de quem os aplica. Além disso, a internet é um meio no qual muito pouco se tem controle sobre o que é publicado e veiculado, facilitando a exposição de tudo (ou quase tudo) aquilo que se desejar.

Segundo Bauman, existem dois sentimentos que são indispensáveis para se ter uma vida satisfatória e recompensadora em alguma medida, a saber: segurança e liberdade. Não é possível ser feliz sem um dos dois; eles são complementares. Segurança sem liberdade é escravidão e liberdade sem segurança é um caos, sem que haja possibilidade de fazer nem planejar nada. O problema posto é que ninguém ainda na história conseguiu conciliar os dois de forma satisfatória. Quando se adquire maior segurança, limita-se um pouco a liberdade e quando se obtém mais liberdade, perde-se em grande medida a segurança. Esse é também, segundo o autor, um dos grandes paradoxos da sociedade líquido-moderna.

As conexões humanas se tornaram banalizadas demais e breves, a ponto de não conseguirem se constituir como laços, impedindo que os parceiros se engajem na construção da intimidade e da profundidade mútuas.

Ao mesmo tempo em que o estabelecimento dos contatos se dá com menos esforço e menos tempo exigido, também assim ocorre com seu rompimento. A proximidade virtual pode encerrar com o apertar de um botão, sem que isso gere um desconforto de ambos os lados. Assim, a proximidade virtual parece ter realizado a separação entre comunicação e relacionamento. “Conectar-se” é menos danoso que a tarefa de “engajar-se”, mas também menos proveitoso em termos da construção e manutenção dos vínculos, o que caracteriza a ambivalência desse panorama. A

grande vantagem da expressão “conexão” é evidenciar a facilidade de “desconexão”.

Bauman acredita que esta situação atingiu um ponto em que as relações virtuais se tornaram realidade, no sentido clássico descrito por Durkheim como algo que “deve ser reconhecido pelo poder de coerção externa” e pela “resistência oferecida a todo ato individual que tenda a transgredi-la”. Dessa forma, a proximidade física se tornará, se não puder se assemelhar às condições de flexibilidade que a proximidade virtual criou, um “ato de transgressão” que enfrentará resistência. E assim, dirá Bauman, a proximidade virtual passará a desempenhar o papel que era exercido pela realidade real, concreta, com a qual os indivíduos deverão agir em conformidade.

Este panorama descrito pelo autor já encontra uma forte correspondência no cotidiano das pessoas. Como exemplo, pode-se citar um fenômeno que atinge os lares, que são cada vez mais constituídos por familiares consanguíneos e afins que apenas habitam e dividem o mesmo espaço físico delimitado, mas não estão vinculados uns aos outros; vive-se cada um em um mundo particular ao qual se tem acesso pela tela de um celular ou de um computador. Os membros da família vivem separados espiritualmente mesmo estando lado a lado:

“a proximidade virtual ostenta características que, no líquido mundo moderno, podem ser vistas, com boa razão, como vantajosas – mas que não podem ser facilmente obtidas sob as condições daquele outro tête-à-tête, não virtual. Não admira que a proximidade virtual tenha ganhado a preferência e seja praticada com maior zelo e espontaneidade do que qualquer outra forma de contiguidade. A solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum.” (*Bauman, 2004, pp. 39-40*).

Ainda de acordo com a ideia de contraposição entre a proximidade física e a distância espiritual, Bauman dirá em *Amor Líquido*: “as relações de co-presença sempre envolvem contiguidade e afastamento, proximidade e distância, sensatez e imaginação. É verdade; mas a presença ubíqua e contínua da terceira – da ‘proximidade virtual’, universal e permanentemente disponível graças à rede eletrônica – faz a balança pender decididamente em favor do afastamento, da distância e da imaginação. Ela anuncia (ou será que pressagia?) uma separação final entre o ‘fisicamente distante’ e o ‘espiritualmente remoto’.” (*Bauman, 2004, p. 38*). Nesse sentido, para ele a proximidade não necessita mais que haja

contiguidade física, territorial, e esta, por sua vez, não determina mais a proximidade.

Em um mundo cujas regras são flexíveis e os valores fluidos, objetiva-se reduzir os riscos sem que ocorra perda de opções e possibilidades. Assim, o namoro pela internet encontrou um terreno fértil para se concretizar como saída aparentemente vantajosa em relação aos laços reais, que necessitam de gasto de tempo, energia, disposição e comprometimento mútuos. O namoro pela internet tem vantagens que os encontros pessoalmente não têm, como a facilidade de deletar uma pessoa caso se torne conveniente não tê-la mais por perto. Pode parecer um contrassenso, mas o namoro on-line oferece segurança aos parceiros à medida que permite retornar e constituir outros contatos, sem a obrigatoriedade de manutenção da relação.

O casamento tradicional, cuja premissa é “até que a morte nos separe”, também se encontra desestabilizado e passou a ser visto como uma tentativa de “ver como vai funcionar”, o que pressupõe que não é começado com um desejo de que dure para sempre ou por muito tempo, mas o tempo suficiente enquanto dá satisfação e prazer, ou seja, está se perdendo a disposição de enfrentar as dificuldades e o desgaste inerentes ao amadurecimento de uma relação estável e duradoura. Estas exigem esforço e paciência para lidar com as diferenças e os problemas cotidianos que estão presente em todas as relações concretas.

Ele cita uma autora chamada Catherine Jarvie que designou a expressão “relações de bolso” para caracterizar os relacionamentos pautados na instantaneidade e na disponibilidade. São assim chamadas porque podem ser guardadas no bolso e lançar mão delas quando for preciso.

O principal atrativo do mundo virtual é a ausência de contradições existentes no mundo real. Além da facilidade de criar e desfazer contatos, a própria identidade também pode ser remodelada e descartada sempre que necessário, o que também ilustra a flexibilidade do sujeito pós-moderno. Criam-se personagens, quase sempre revestidos de alegria e qualidades diversas, desconsiderando-se, por vezes, o caráter humano de si mesmo, dotado de imperfeições e defeitos. A conexão e desconexão possibilitadas na esfera on-line acabam por influenciar a esfera off-line, tornando as relações flexíveis e fluidas, conforme exemplos citados.

A sociedade líquida e individualizada tornou o planejamento em longo prazo pouco vantajoso e o engajamento duradouro adquiriu uma conotação negativa,

como se fosse um fardo, que não encontra mais espaço na realidade fluida e inconstante da sociedade pós-moderna. Bauman dirá, nesse sentido, que a principal realização da sociedade de mercado foi o esfacelamento das habilidades de sociabilidade, que é reiterado e impulsionado pela tendência do estilo de vida consumista a tratar o outro como objetos descartáveis e a mensurar o seu valor a partir da satisfação e do prazer que possa oferecer. Nesse processo, o valor dado à singularidade e unicidade dos seres humanos está desaparecendo. “A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor.” (*Bauman, 2004, p. 45*).

Dessa maneira, estabelece-se de forma clara e definitiva a correlação proposta por Bauman entre a sociedade de consumo e os impactos negativos nas relações humanas. E complementa: “E assim é numa cultura consumista como a nossa que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira de construir a ‘experiência amorosa’ à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.” (*Bauman, 2004, pp. 11-12*).

Bauman acredita que os relacionamentos são vistos como investimentos, como garantias de solução para os problemas e como segurança, pois estar sozinho gera insegurança. No entanto, segundo o autor, na sociedade líquida em que vivemos, os relacionamentos breves e superficiais também acabam por produzir esse sentimento de insegurança devido à instabilidade com que se estabelecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Modernidade líquida, nas palavras de Zygmunt Bauman, ou pós-modernidade, segundo outros autores contemporâneos, é a expressão que caracteriza a época em que vivemos. Várias transformações importantes ocorreram não apenas em nível macro, afetando as instituições e as instâncias político-econômicas, mas também em nível micro, na esfera das relações dos homens entre si e deles consigo mesmos.

Daí resulta a grande importância que se pode conferir ao esforço que diversos autores têm feito no sentido de compreender mais rigorosamente as mudanças que até então não eram consideradas objetos de estudo científico das ciências sociais em geral, pois dizem respeito a aspectos individuais, subjetivos e comportamentais das transformações.

No entanto, verifica-se que tais aspectos se relacionam fortemente com as transformações que ocorreram mundialmente com a chamada “radicalização da modernidade”, ou a “modernidade avançada”, que culminaram no derretimento dos antigos sólidos e a constituição de uma cultura pautada não mais nas coisas fixas, sólidas, duradouras, mas na flexibilização e na fluidez dos laços e dos vínculos entre as pessoas e delas com as instituições.

A extensa obra de Bauman se dedica a investigar a nova condição humana na modernidade líquida e a interpretar a fluidez que caracteriza esse tempo. Bauman é declaradamente um crítico da chamada pós-modernidade, refutando inclusive a expressão “pós-modernidade”, por considerar que “pós-modernista” é aquele que reproduz uma ideologia, que recusa o debate e que super-relativiza a vida, de forma a não permitir críticas ou reflexões sobre si mesma. Prefere, pois, a expressão “modernidade líquida”, cunhada por ele.

A posição de Bauman é crítica acerca das relações sociais atualmente. A sociedade líquido-moderna é a sociedade das relações fluidas, flexíveis, instáveis. Não se trata mais de fazermos planejamentos em longo prazo ou de termos certezas sobre nosso futuro. Agora somos responsáveis por nossas escolhas e ações, mas também pelo nosso fracasso.

Pode-se pensar em um primeiro momento que vivemos em uma condição de liberdade, mas logo se vê que isso é uma ilusão. Somos levados a acreditar que somos os protagonistas de nossas escolhas, quando na verdade nosso campo de

possibilidades está previamente e intencionalmente limitado por outrem, de forma a condicionar nossos atos.

Nessa sociedade, nós não nos relacionamos, mas sim nos conectamos, mais pela facilidade de desconexão do que pela possibilidade de conexão. As relações não têm mais a mesma consistência e profundidade, tendo tornado-se frágeis e superficiais e, por ter perdido qualidade, compensa-se na quantidade.

Sob uma esfera macro, mais ampla, Bauman acredita que o capitalismo atual, em oposição à época anterior, não tem mais um “exército de reservas”, mas possui mecanismos de inclusão e exclusão mais aprimorados e mais eficientes; as prisões, conforme o Panóptico de Foucault, não são mais da disciplina e do confinamento, mas sim do evitamento, da dispersão, da vigilância e exclusão total. O preso não é vigiado para ser disciplinado, mas para ser descartado, é uma vida desperdiçada, assim como os desempregados crônicos e todos aqueles que não obedecem por alguma razão à lógica da sociedade de consumo e de liquefação dos vínculos.

Nesse cenário, surge na modernidade líquida uma nova forma de exclusão, advinda da globalização, que são os “consumidores falhos”, como diz o autor. Estes não estão adequados à nova ordem da sociedade líquida, pois esta privilegia os consumidores compulsivos, que exercem sua liberdade por meio da aquisição de produtos e serviços, o que determina seu pertencimento ao espaço social ou não.

Além disso, o medo é uma caracterização fundamental de nossa época. Todos vivemos com uma sensação de medo constante, promovida em grande medida pelos meios de comunicação, pois veiculam e espalham notícias de forma rápida e incessante. Isso contribui para banalizar os fatos e a violência, fazendo aumentar e proliferar a sensação de insegurança e vigilância permanentemente.

Nesse sentido, faz-se necessário questionar o controle dos medos. Bauman acredita que uma das formas mais eficientes de exercer o poder é por meio do controle das incertezas. Aqueles que detêm o controle das decisões, das incertezas são aqueles que dizem quando e por que motivo devemos sentir medo e quando devemos ficar calmos e sermos pacíficos. O autor diz basicamente que as incertezas da sociedade atual não oferecem garantias acerca da manutenção da condição social dos indivíduos, do seu emprego, de sua integridade física, de seus vínculos sociais etc. Vivemos na época das incertezas.

Isso posto, explico novamente a tentativa deste trabalho de realizar um levantamento da obra deste sociólogo tão importante para a Sociologia

contemporânea, a fim de abordar aspectos que, a meu ver, possuem extrema relevância para compreender um pouco melhor fenômenos que se manifestam de maneira tão expressiva nas relações humanas e na vida cotidiana das pessoas.

A importância de Bauman em relação à crítica à pós-modernidade é contribuir para um entendimento renovado e atualizado acerca da dinâmica da sociedade atual. Os temas abordados por ele na sua análise se manifestam de forma global, coletivamente, mas também na esfera individual, refletindo decisivamente na vida das pessoas e nas relações delas com as instituições.

Considero de grande importância a contribuição de seus estudos para a Sociologia contemporânea, visto que é primordial conhecer e compreender os fenômenos para que se possa adquirir uma visão crítica e proativa em relação a eles, objetivando modificá-los, corrigi-los, mantê-los ou aprimorá-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. 1º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. 1º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. Medo Líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. 1º ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR

<https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>